CARTA DE GRAÇA ARANHA A JOSÉ VERÍSSIMO (1)

"14 de junho de 1902

R. 5 junho

BRAZILIAN LEGATION
LONDON (2)

Meu Veríssimo.

Estou esmagado sob o pêso do teu magnânimo artigo. É a consagração de que me desvaneço mais, e eu já te disse o imenso prazer que me causou o teu louvor ao *Canaã*. Li muito o teu artigo, e ainda de vez em quando releio uma ou outra parte dêle para ratificar impressões de detalhes.

Vejo que tu compreendeste admiràvelmente todo o meu pensamento e que refutaste as infundadas objeções que por ventura aí me fazem. Pela tua crítica adivinho mais ou menos as objeções feitas ao livro; tenho recebido muita carta, quase tôdas são de um caloroso entusiasmo, mas sem um vislumbre de *análise* ou de *crítica*. Apenas o Heráclito (3) fêz um estudo minucioso do livro. Procurou

---

1) Em nossas pesquisas sôbre fatos, coisas e vultos da história pátria, temos tido, embora raríssimas vêzes, a sorte de encontrar algum documento interessante e inédito. Esta carta que Graça Aranha enviou ao grande crítico e historiador literário José Veríssimo, é importante para o estudo do romance *Canaã*, como também para patentear, mais uma vez, quanto era respeitado e acatado o escritor a quem a carta é dirigida, acatamento e respeito que só têm aumentado com o correr do tempo, pela segurança dos seus trabalhos e justiça dos seus conceitos sôbre obras e autores. Julgamos ser êste documento inteiramente inédito, pois de pesquisas que fizemos chegamos a tal conclusão.

Escrito em Londres, traz a data de 14 de junho de 1902.

A primeira edição de *Canaã* é de 1902 (Rio de Janeiro).

Para Ronald de Carvalho (*Pequena História da Literatura Brasileira*) o *Canaã* foi o precursor do romance de idéias, no Brasil.

2) Impresso diplomático. Graça Aranha encontrava-se em missão oficial.

3) Heráclito Graça, filólogo.

êle definir o meu temperamento literário, o alcance de *Canaã*; mas o que me surpreendeu nessas páginas frias, penetrantes, é não ter êle compreendido o final da obra. Censura a atitude de Milkau que *adoece de inércia*, e me aconselharia a fazê-lo "procurar um advogado para defender Maria e esgotar todos os recursos." Esta nota é característica, como vês, e admira ser de um homem tão arguto. O desenlace diz êle, é repentino, não é oportuno, não é consequente, quebra o caráter íntegro e ponderado do protagonista. "Quiseste, acrescenta, terminar o romance dando-lhe um cunho estranho, fantástico, maravilhoso e crudelíssimo. É fôrça respeitar-te." (4) Enfim termina esta crítica qualificando *Canaã*, não de *romance*, mas de *um belo poema em prosa*. Eis o classificador. Creio que no fundo é esta a opinião média dos meus leitores, e a ti crítico e mergulhador das nossas consciências literárias transmito-as para que as registres. Outra coisa que o Heráclito, sem me censurar contudo, insinua-me é que em futuros livros me ocupe de "um estudo mais simples e dramático da *natureza humana* (?) ou do *coração*." Decididamente a tua observação me consola muito: *Canaã* é nôvo pela concepção.

Ambos vocês têm razão quando fazem restrições sôbre a *pureza* da minha língua e do meu estilo. Sabes bem que não sou por índole um escritor *correto*, tenho mêdo de me perder na língua clássica, e prefiro adotar formas e expressões correntes, estrangeirismos mesmo, mas da compreensão geral das línguas, introduzidos não por mim, porém por todos da nossa sociedade, que ir rebuscar o arcaísmo. Bem. Ainda assim reconheço que *Canaã* tem máculas desnecessárias, e que há frases truncadas de forma que parecem traduzidas. Tenho feito *muitas correções* para a nova edição (5). É preciso confessar que o livro está muito errado, e consolêmo-nos mùtuamente, tu com êsse luminoso *Homens e Coisas Estrangeiras*, que bem merece uma excelente revisão. E o teu artigo no "Correio da Manhã' como saiu errado!

O defeito que tu (e o Heráclito também) notas de muito viço e superabundância que não posso remediar em *Canaã*. É talvez um cunho da mocidade, que há de passar, como docemente esperas, em outros livros.

Não sei se todos os episódios do livro não se casam bem com o assunto da obra. Êstes incidentes foram sempre trazidos para dar ao *leitor* uma sensação trágica, desoladora. Um imigrante morre abandonado, defendido o seu corpo por cães, é um quadro da *Canaã* (desanimada); em *Canaã* também se sacrificam os cavalos para fecundar a terra; em *Canaã* também os filhos são alheios e nos espantam com a vida de outros. E assim por tôda a parte, como num estribilho infinito, é a nota do *quadro*, do *conjunto*, do *mundo*. O leitor que está vendo passar tudo isto aos seus olhos comprende, sente, adivinha a desilusão do sonhador. É a colaboração do leitor com o personagem central do livro. Por outro lado, tu notarás que um capítulo inteiro, 8.º, em que vêm dois episódios tem o fim de espaçar o desenlace do romance, e dar uma ilusão de tempo à gestação de Maria. Achei preferível o processo que adotei ao recurso de entrevistas, cenas em que

4) Por esta citação é de se admitir que a crítica não foi publicada e sim enviada em carta. Linhas acima, Graça Aranha declara ter recebido muitas cartas sôbre o romance.

5) Temos a 7.ª, da Livraria Garnier, Rio, que traz, ainda, a observação: *edição revista*.

Milkau se encontrasse com ela, e em que houvesse ação de ambos. Seria mais trivial.

Estás vendo como me defendo com energia!

Basta, porém, de *Canaã*. Desejava mandar-te um pequeno resumo do meu futuro livro, resumo apenas da concepção. Quero que conheças antes de me pôr eu decididamente a trabalhar. Mas não há tempo de ir por êste vapor.

Recebeste o retrato de Yayá? Não peço o teu, porque temos um bem bom, mas pedimos o da Comadre de que não temos nenhum. E o tempo vai passando e a gente tão longe!

Vou ver o que há sôbre *filosofia do direito* para o nosso José, e meu futuro colega de escritório se algum dia voltar a advocacia. Não cuidei disto esta semana porque andei um pouco preocupado com Temístocles. Apanhou sarampo, que *parecia* trazer uma complicação grave, pulmonar. Mas tudo foi apenas susto do médico (êstes médicos inglêses!) e o pequeno vai bem. Primeira vez que chamamos médico em Londres! É saudável isto, mas que tempo feio, triste, chuvoso que anda fazendo!

Aqui tudo é cerração. Não aceitei a nomeação de secretário da missão especial junto ao Rei Eduardo. Não me davam ajuda de custo e me equiparavam ao Tobias (6), vê tu.

Adeus. Saudades a Comadre. Beijo os teus filhos.

Teu Graça Aranha."

Na última página, em cima, há o seguinte P.S.:

"Não sei se já falaste de O *Sorvedouro* do Cardoso de Oliveira. É a adaptação brasileira do *Gouffa*. Penso muito mal dêste drama como produção literária e subscrevo a tua crítica. A tradução, se bem que inçada de *gírias* é superior ao original. É menos pretenciosa, mais simples, ingênua. Êle cortou muito do primitivo trabalho, a meu conselho. O Cardoso de Oliveira é péssimo escritor, mas um excelente e afetuoso homem. Somos aqui bons amigos... por isso não o surres muito."

6) Tudo indica tratar-se de Tobias Monteiro, escritor, historiador e jornalista. — *Brasil Bandecchi*